

A CULTURA [?] DO ESTUPRO: REFLEXÕES A PARTIR DO PROJETO GÊNERO E SEXUALIDADE NA ESCOLA

Área temática: Educação.

Coordenador da Ação: Edson Carpes Camargo¹

Autor: Priscila Ogliari Mariani², Paula Gheller³, Raquel Carneiro Pinto⁴, Adriana Romero Lopes⁵

RESUMO: Ao educador deste século, urge pluralizar conhecimentos e pensar a escola além da sala de aula, pois é neste espaço que as diferenças e dificuldades se manifestam. O espaço educativo necessita de sujeitos da experiência, que tenham coragem para a tomada de decisões em busca da ruptura de paradigmas. Neste cenário, este estudo tem por objetivo problematizar os reflexos da cultura patriarcal, que em muito contribui para a construção de um tipo de masculinidade sustentada por uma autoridade violenta e opressora, na nossa sociedade atual. Diante disso, buscando problematizar a ideia de “cultura do estupro” presente nas diversas sociedades, propõe-se este minicurso promovendo uma discussão que estimule um entendimento mais profundo da questão abordada ao mesmo tempo em que se atua na desconstrução dos estereótipos heteronormativos. Como processo metodológico, o minicurso utilizará de dinâmicas de grupo que estimulem a participação e a reflexão sobre as concepções de gênero e sexualidade. O Projeto Gênero e Sexualidade na Escola está presente desde 2015 nos ambientes escolares desenvolvendo ações com docentes e discentes das escolas da região da Serra Gaúcha buscando problematizar como se estabelecem as relações de gênero e sexualidade no ambiente escolar. É desta escuta reflexiva das vozes de educadores/as e educandos/as que emerge a inquietação para este minicurso, pois, afinal, o que é a cultura do estupro?

1 Doutor em Educação, IFRS/*Campus* Bento Gonçalves, e-mail: edson.camargo@bento.ifrs.edu.br.

2 Acadêmica do curso de Licenciatura em Física - IFRS/*Campus* Bento Gonçalves.

3 Acadêmica do curso de Licenciatura em Física - IFRS/*Campus* Bento Gonçalves.

4 Acadêmica do curso de Licenciatura em Pedagogia - IFRS/*Campus* Bento Gonçalves.

5 Mestre em História, IFRS/*Campus* Bento Gonçalves.



APOIO:



CO-ORGANIZAÇÃO:



REALIZAÇÃO:



Palavras-chave: cultura do estupro, patriarcado, violência de gênero.

1 INTRODUÇÃO

Enquanto sujeitos históricos e culturais, educadores e educandos, estão em permanente processo de humanização e integração, aprendendo a pensar e a refletir sobre as suas experiências. Dessa reflexão contínua, resulta a vontade de mudança, de leitura crítica da realidade e de percepção emancipatória de sujeito. Enquanto educadores, é saliente pensar a formação pedagógica como um dilema a ser desnudado a partir da concepção de prática e de teoria que são assumidas frente ao processo pedagógico. Diante disso, urge a necessidade de problematizar no ambiente escolar as relações de gênero e a sexualidade, possibilitando um novo olhar para os sujeitos contemporâneos.

Considerando que esses reflexos inferem em consequências profundas na nossa cultura, atingindo toda sociedade, uma vez que, dentro de uma cultura do estupro, qualquer pessoa pode ser uma vítima a qualquer momento, é importante entender porque isso se dá dessa forma e o que pode ser feito para que essa situação não persista. Diante disso, emerge o objetivo deste estudo que é problematizar os reflexos da cultura patriarcal que promove um tipo de masculinidade sustentada por uma autoridade violenta e opressora.

2 DESENVOLVIMENTO

O projeto Gênero e Sexualidade na Escola tem contribuído para a qualificação de professoras e professores que atuam na Educação Básica das escolas situadas nos municípios da Serra Gaúcha, proporcionando momentos de debate sobre o processo educativo e suas interfaces com as relações de gênero e sexualidade. Dos diversos momentos de reflexão coletiva surgiu a ideia de trazer para o debate a cultura do estupro, enquanto manifestação das relações de gênero estabelecidas pela cultura patriarcal. Esta ação inter-relaciona ensino, pesquisa e extensão num sentido de interlocução com o fazer pedagógico, consolidando o ato educativo como momento processual e presente em todos os espaços da formação



APOIO:

Integração
que gera energia
e desenvolvimento
ITAIPU
BINACIONALFórum de Pró-Reitores
de Extensão
das Universidades Públicas
Brasileiras

CO-ORGANIZAÇÃO:

unioeste
Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Instituto de Gestão - PROEX**INSTITUTO
FEDERAL**
Paraná

REALIZAÇÃO:

UNILA | PROEX
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
PROEX

inicial e continuada, contribuindo para que seja possível articular a ação escolar com os processos históricos que emanam um debate mais profícuo sobre a participação feminina na sociedade.

Sendo assim, este estudo se relaciona com a pesquisa de natureza qualitativa e de caráter exploratório, que conforme Gil (2007), permite ao pesquisador uma maior visibilidade sobre o tema estudado, oferecendo respostas aos questionamentos iniciais, assim como novas suposições e ideias que não foram anteriormente pensadas.

Como referencial teórico são utilizados os conceitos de Scott (1998, 2011), Safiotti (1987, 1995), Perrot (1992, 2005), Luz (2009), Lagarde y los Rios (2005) e como processo metodológico são utilizadas dinâmicas de grupo com o intuito de problematizar a cultura do estupro.

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO

A superação da concepção dualista torna-se essencial para que sejam possíveis outros pensares sobre as relações de gênero, como o faz Giffin (2006) ao problematizar a natureza androcêntrica da ciência salientando a importância de que o “movimento de mulheres [...] almejou um autoconhecimento e uma transformação do lugar das mulheres: uma proposta de saber e poder” (p. 636). A autora afirma ainda a capacidade das mulheres de transformarem a ordem social vigente por meio da nomeação da própria opressão como um ato de poder e de objeção, pois “esse sujeito oprimido tanto dominado como tendo o poder da contestação é um sujeito não-binário por excelência” (idem).

Joan Scott (2011) em seu artigo clássico denominado Gênero: uma categoria útil para análise histórica, critica os historiadores que se propuseram a contar a história das mulheres, mas não se distanciaram das abordagens tradicionais das ciências sociais, acarretando uma abordagem essencialmente descritiva para o que se considera gênero. Ao apresentar uma abordagem histórica para a necessidade que se tem de buscar sempre um significado para as coisas, Scott traça o seu discurso acerca do conceito de gênero fazendo recortes relevantes sobre o uso inadequado do conceito e o modo como esteve relacionado a traços de



APOIO:

Integração
que gera energia
e desenvolvimento
ITAIPU
BINACIONALFórum de Pró-Reitores
de Extensão
das Universidades
Públicas
Brasileiras

CO-ORGANIZAÇÃO:

unioeste
Universidade Estadual de Ponta Grossa
Instituto de Gestão - IGE**INSTITUTO
FEDERAL**
Paraná

REALIZAÇÃO:

UNILA | PROEX
UNIVERSIDADE
LUIZ DE QUILAS
CAMPUS FORTALEZA

caráter ou traços sexuais. Nesse sentido, a autora salienta que a utilização do termo gênero é recente, “como uma maneira de referir-se à organização social da relação entre os sexos” (p. 72), abandonando a ideia, assim como o faz Linda Nicholson, de que o determinismo biológico é o principal responsável pela distinção entre homens e mulheres, pois, ao debater sobre a condição da mulher, torna-se necessário debater também sobre a condição do homem, uma vez que ambos estão envolvidos em uma noção relacional de gênero.

Em pesquisas realizadas por Saffioti (2004) é possível verificar que as relações de gênero podem ser consideradas enquanto papéis dicotomizados, deixando de fora as relações de gênero e poder e não explicando como os papéis são definidos e quem os determina. Se o homem é forte, a mulher é fraca. Se o homem é bruto, a mulher é sensível. Esta condição não define quem explica os papéis sociais desempenhados por homens e mulheres. O que se entende é que o patriarcado tenha influência sobre a definição das relações, uma vez que os homens são sempre os que podem mais. Nesse ínterim não são levadas em consideração as diferenças de classe, etnia e idade. Gênero precisa ser considerado então enquanto pluralidade, ponderando uma série de relações que circundam a questão, abandonando a visão dicotômica da divisão de papéis.

Nanci Luz menciona esta visão dicotômica relacionando-a com a divisão sexual do trabalho, em que esta é uma das formas da divisão social do trabalho. Trata-se da separação entre atividades desenvolvidas pelas mulheres e atividades desenvolvidas pelos homens. Tal divisão associa, numa perspectiva macro, o trabalho das mulheres à esfera da reprodução [...] e o trabalho dos homens ao âmbito produtivo [...] (LUZ, 2009, p. 152).

Com a perspectiva de problematizar este discurso que visa expor a mais conveniente ideia sobre o “lugar” da mulher na sociedade, foi que aceitamos a tarefa de tentar desvendar o que está por traz de toda essa discussão.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sociedade em que vivemos, vem carregada de determinados conceitos masculinos e femininos que pressupõem que a mulher está diretamente ligada à



APOIO:

Integração
que gera energia
e desenvolvimentoFórum de Pró-Reitores
de Extensão
das Universidades Públicas
Brasileiras

CO-ORGANIZAÇÃO:



REALIZAÇÃO:



figura de mãe aplicada e cautelosa, seja do marido, seja de seus filhos. Cuidar de alguém, ou da casa, parece ser prerrogativa natural das mulheres na sociedade patriarcal. Para Carvalho & Tortato (2009), as representações de masculino e feminino que são determinadas socialmente para homens e mulheres estão baseadas em uma visão dicotômica e binária, em que aparecem, em contraposição, estereótipos, como racionalidade/sensibilidade, dominação/passividade, cérebro/coração, público/privado.

Contudo, ao se pensar na existência de uma cultura do estupro, emerge a necessidade de se trazer para o campo de debate os limites dessa relação entre homens e mulheres, relações de gênero que nos constituem e nos fazem ser/estar masculinos e femininos.

AGRADECIMENTOS

Ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – *Campus* Bento Gonçalves pelo apoio ao projeto Gênero e Sexualidade na Escola.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Marília Gomes de; TORTATO, Cíntia de Souza Batista. Gênero: considerações sobre o conceito. In: LUZ, Nanci Stancki et all (org). **Construindo a igualdade na diversidade**: gênero e sexualidade na escola. Curitiba: UTFPR, 2009.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: A vontade de saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1997.

GIFFIN, Karen Mary. **Produção do conhecimento em produção do conhecimento em um mundo “problemático”**: contribuições de um feminismo dialético e relacional. Revista Estudos Feministas, v.14, n. 3, p. 635-653, 2006.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

LAGARDE, Marcela. **Cautiverios de las mujeres**: madresposas, monjas, putas, presas y locas. 4. ed. Ciudad del México: UNAM, 2005.



APOIO:



CO-ORGANIZAÇÃO:



REALIZAÇÃO:



PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros.** Tradução de Denise Bottmasssnn. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

____. **As mulheres ou os silêncios da história.** Tradução de Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 2005.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **O poder do macho.** São Paulo: Moderna, 1987.

____; ALMEIDA, Suely Souza de. **Violência de Gênero: poder e impotência.** Rio de Janeiro: Revinter, 1995.

SCOTT, Joan. **A invisibilidade da experiência.** Tradução de Lúcia Haddad. Projeto História, São Paulo, n. 16, fev. 1998.

____. **Gênero: uma categoria útil para a análise histórica.** Disponível em: Acesso em 12 de agosto de 2011.



APOIO:

Integração
que gera energia
e desenvolvimento
ITAIPU
BINACIONAL

Fórum de Pró-Reitores
de Extensão
das Universidades Públicas
Brasileiras

CO-ORGANIZAÇÃO:

unioeste
Universidade Estadual de Ponta Grossa
Ponta Grossa - Paraná

**INSTITUTO
FEDERAL**
Paraná

REALIZAÇÃO:

UNILA | PROEX
Universidade Estadual Paulista
"Júlio de Mesquita
Figueiredo"